

A FALTA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O DESAFIO NA INCLUSÃO DE AUTISTAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Jocélia Nunes Antunes ¹

Paula Souza da Cunha ²

Janaína Giovana da Silva ³

Rosa Gonçalves Padilha ⁴

RESUMO

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar continua sendo um dos principais desafios enfrentados pelas escolas no Brasil, especialmente devido à insuficiência da formação docente para lidar com as particularidades desse público. Este artigo analisa o impacto da formação de professores na implementação de práticas inclusivas, abordando a carência de capacitação, o desconhecimento de estratégias pedagógicas específicas e os desafios cotidianos enfrentados pelos educadores. O referencial teórico-metodológico baseia-se em estudos de autores especializados em educação inclusiva e psicopedagogia, além de uma análise qualitativa das experiências de professores em sala de aula. A pesquisa evidenciou que a maioria dos docentes não possui formação adequada para atender de maneira eficaz os alunos autistas, o que resulta em práticas pedagógicas limitadas e na exclusão social desses estudantes no ambiente escolar. Entre os principais resultados, destaca-se a necessidade urgente de programas de formação continuada adaptados às especificidades do TEA, bem como a importância de uma rede de apoio composta por profissionais especializados, como fonoaudiólogos e psicopedagogos, para garantir uma inclusão efetiva. Conclui-se que a inclusão educacional de alunos autistas pode ser ampliada e aprimorada por meio de investimentos na capacitação docente e da implementação de políticas públicas voltadas à conscientização e ao treinamento contínuo dos profissionais da educação. Este estudo fundamenta-se em uma revisão de literatura, analisando pesquisas sobre a inclusão de alunos com TEA e a formação docente. Os autores que alicerçaram esta pesquisa incluem Braga (2009), Brandizzi (2009), Brasil (2008), Cruz (2009), Gomes e Mendes (2010), Gomide (2009), Nunes, Azevedo e Schmidt (2013), Sassaki (2007), Souza (2014), e Valle e Guedes (2003).

Palavras-chave: Formação docente, Inclusão escolar, Autismo, Educação inclusiva, TEA.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar se tornou um dos principais desafios da educação contemporânea. Com o aumento do

¹ Mestra em Educação pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, jocelia.antunes@edu.mt.gov.br;

² Doutoranda em História na Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Mestrado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, paula.cunha@edu.mt.gov.br;

³ Mestra em Ensino pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT, janaina-giovana.silva@edu.mt.gov.br;

⁴ Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, rosa.padilha@edu.mt.gov.br.



diagnóstico de Autismo e a crescente demanda por práticas pedagógicas inclusivas, a formação de professores emerge como um fator crucial para o sucesso dessa inclusão. A Educação Inclusiva busca garantir que todos os alunos, independentemente de suas diferenças, tenham acesso ao aprendizado e à convivência social de forma equitativa. Contudo, a falta de capacitação específica dos professores vem sendo um obstáculo significativo para a efetividade dessa prática, resultando em deficiências no atendimento às necessidades dos alunos autistas.

O objetivo deste estudo é analisar o impacto da formação docente na inclusão de alunos com TEA no contexto educacional, investigando as dificuldades enfrentadas pelos professores e as barreiras institucionais que limitam a implementação de práticas inclusivas. Este estudo adotou uma revisão de literatura para analisar pesquisas sobre a inclusão de alunos com TEA e a formação docente. A seleção abrangeu artigos, dissertações, teses e livros de fontes científicas, como Scielo e Google Scholar, com o objetivo de compreender os desafios do cotidiano escolar e identificar estratégias que possam favorecer a inclusão (Valle; Guedes, 2003).

A falta de formação adequada dos professores é uma questão amplamente discutida nas últimas décadas, especialmente à medida que a sociedade busca maior equidade no acesso à Educação. No entanto, a inclusão escolar de alunos autistas vai além da simples presença física nas salas de aula. A verdadeira inclusão depende da criação de um ambiente pedagógico que reconheça e respeite as especificidades de cada aluno, promovendo seu desenvolvimento acadêmico, social e emocional de modo pleno. Isso exige que os docentes possuam não apenas conhecimento teórico sobre o TEA, mas também habilidades práticas para aplicar as metodologias mais eficazes para esse público (Braga, 2009).

A justificativa deste trabalho se baseia na crescente dificuldade de inclusão de alunos com TEA nas escolas, um desafio intensificado pela falta de formação adequada dos professores para lidar com as necessidades específicas desse público. Apesar de a legislação brasileira garantir o direito à Educação Inclusiva, na prática, muitos educadores encontram-se despreparados para implementar essa inclusão de maneira efetiva. As lacunas entre as diretrizes legais e as realidades das salas de aula evidenciam a necessidade urgente de uma reflexão crítica sobre como a formação docente pode ser aprimorada. A simples adaptação de práticas pedagógicas não é suficiente; é preciso que os educadores estejam preparados para lidar com as questões emocionais, comportamentais e sociais que surgem ao ensinar alunos com autismo. Assim, este trabalho avulta-se relevante pela necessidade de explorar os desafios enfrentados



2 METODOLOGIA

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A inclusão educacional ainda enfrenta desafios importantes, principalmente no que se refere à formação docente. Embora existam políticas públicas de incentivo, nem sempre preparam os professores para as demandas de uma sala de aula inclusiva. Na prática, a adaptação das estratégias pedagógicas para atender alunos com necessidades especiais é complexa, agravada pela falta de formação específica e de recursos adequados. Esses fatores

tornam a inclusão um desafio constante, dificultando sua efetivação no cotidiano escolar (Nunes; Azevedo; Schmidt, 2025).

Ainda, a ideia de que a inclusão deve garantir a igualdade de oportunidades de aprendizagem é algo que precisa ser cuidadosamente trabalhado dentro da escola. É imprescindível que os docentes compreendam que as estratégias pedagógicas devem ser diversificadas para atender às necessidades de todos os alunos, respeitando seus ritmos e estilos de aprendizagem. Isso implica, entre outras coisas, na adoção de metodologias diferenciadas, no uso de tecnologias assistivas, na criação de um ambiente de ensino que favoreça a participação de todos e na adequação dos materiais didáticos às diversas necessidades. Quando essas práticas não são implementadas de maneira eficaz, o que se vê é a marginalização dos alunos com deficiências, que acabam sendo deixados de lado dentro do processo educacional (Gomide, 2009).

A questão da formação docente se torna ainda mais relevante quando se trata de alunos com TEA, pois as estratégias de ensino para eles exigem um conhecimento mais aprofundado sobre o transtorno e suas características. É fundamental que os professores entendam as particularidades do Autismo, como as dificuldades de comunicação, os comportamentos repetitivos e as sensibilidades sensoriais, para que possam aplicar metodologias que atendam às necessidades específicas de cada aluno. Esse tipo de formação, porém, não é sempre encontrado nos cursos de licenciatura tradicionais, comprometendo a qualidade do ensino oferecido a esses alunos (Gomes; Mendes, 2010).

Além disso, a inclusão de alunos com TEA requer uma abordagem colaborativa, envolvendo outros profissionais da Educação, como psicopedagogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais. A formação dos professores deve ser integrada a um processo de apoio contínuo e acompanhamento das práticas pedagógicas adotadas nas salas de aula. Isso possibilita que os educadores recebam as orientações necessárias para lidar com as diversas situações que surgem no dia a dia escolar, aumentando as chances de sucesso da inclusão. A presença desses profissionais na escola também contribui para a criação de um ambiente mais inclusivo, onde as necessidades de cada aluno são atendidas de forma integral e especializada (Cruz, 2009).

3.2 O Papel da Formação Docente na Inclusão de Alunos com TEA



A formação de professores é um dos principais fatores que determinam o sucesso ou o fracasso da inclusão educacional. Quando os educadores não possuem o conhecimento necessário sobre as características do TEA e as melhores práticas pedagógicas para atender a esses alunos, a inclusão escolar converte-se em uma tarefa difícil e, muitas vezes, ineficaz. Souza (2014) ressalta que a formação docente deve ir além das questões pedagógicas gerais, incluindo conteúdos específicos sobre os transtornos do desenvolvimento, como o Autismo, a fim de que os professores estejam preparados para lidar com a diversidade presente nas salas de aula (Brasil, 2008).

Uma das principais lacunas na formação dos professores é a falta de cursos e treinamentos especializados sobre o TEA. Apesar de ser um transtorno cada vez mais reconhecido, ainda é pouco abordado nos currículos de formação inicial dos docentes. A ausência dessa formação específica impede que os professores desenvolvam habilidades necessárias para atender aos alunos autistas adequadamente. Sem um conhecimento profundo sobre o transtorno, os educadores podem, por exemplo, interpretar incorretamente o comportamento dos alunos, tratando-os de maneira inadequada e, em alguns casos, até gerando estigmatização e exclusão (Cruz, 2009).

Ademais, a falta de preparo dos professores para lidar com a diversidade de formas de aprendizado dos alunos com TEA limita a implementação de estratégias pedagógicas eficazes. O Autismo é caracterizado por uma grande diversidade de manifestações e intensidades, e cada aluno apresenta um perfil único. Isso exige que o educador adote práticas diferenciadas e individualizadas, como o emprego de comunicação alternativa, o desenvolvimento de habilidades sociais e o apoio para o manejo de comportamentos desafiadores. Sem as competências necessárias para aplicar essas abordagens, o professor se vê diante de um desafio que, normalmente, ultrapassa suas capacidades (Brandizzi, 2009).

Nesse viés, é primordial que a formação docente inclua o conhecimento teórico sobre o Autismo e estratégias práticas para lidar com as dificuldades diárias enfrentadas pelos alunos com TEA. Programas de formação continuada, realizados durante a carreira do professor, são essenciais para que ele possa acompanhar as inovações pedagógicas e as novas pesquisas acerca do transtorno. Esses programas devem ser ministrados por profissionais especializados, que possam fornecer os subsídios necessários para que o educador se sinta mais preparado para atuar com alunos com autismo (Braga, 2009).



Outro ponto importante é que a formação dos professores deve ser alinhada com as políticas públicas de Educação Inclusiva, visando garantir que todos os docentes tenham acesso ao mesmo nível de conhecimento e formação, independentemente da localidade ou da instituição em que atuam. A implementação de uma formação mais robusta e especializada deve ser acompanhada por uma avaliação constante das práticas pedagógicas adotadas, de modo a garantir que os professores consigam aplicar as melhores estratégias para o atendimento aos alunos com TEA (Braga, 2009).

Por fim, realça-se que a formação docente não deve se limitar à capacitação técnica, entretanto trabalhar o desenvolvimento de atitudes inclusivas. O professor precisa ser sensibilizado às questões sociais relacionadas ao Autismo, compreender as necessidades emocionais dos alunos e se preparar para lidar com os desafios do dia a dia de maneira ética e respeitosa. A mudança na mentalidade dos educadores é fundamental para que a inclusão educacional seja verdadeiramente efetiva, permitindo que os alunos com TEA se sintam parte do ambiente escolar e tenham as condições adequadas para seu desenvolvimento (Brandizzi, 2009).

3.3 O Transtorno do Espectro Autista e suas Implicações na Prática Pedagógica

O TEA é um distúrbio neurobiológico complexo que afeta o desenvolvimento social, comunicativo e comportamental do indivíduo. Segundo Frith (2003), o Autismo se caracteriza por dificuldades na comunicação verbal e não verbal, desafios nas interações sociais e comportamentos restritos e repetitivos. Essas características variam consideravelmente entre os indivíduos, o que torna o TEA um transtorno altamente heterogêneo. Cada aluno com Autismo tem um perfil único, requerendo uma adaptação contínua das práticas pedagógicas e uma observação atenta das necessidades individuais. Isso faz com que os educadores precisem de um conhecimento profundo sobre o transtorno, para que possam ajustar suas metodologias de forma eficaz (Valle; Guedes, 2003).

As dificuldades de comunicação dos alunos com TEA representam um dos principais desafios para os professores. Embora algumas tenham dificuldades em compreender a linguagem verbal, outros obstáculos para se expressar oralmente, exigindo o uso de recursos como Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), cartões de imagem, gestos e tecnologias assistivas. Outrossim, comportamentos repetitivos e ritualísticos, como a reprodução de



palavras ou movimentos, podem ser mal interpretados como desobediência ou desinteresse. Reconhecer essas manifestações como características do transtorno, e não como atitudes envolventes, é essencial para evitar abordagens punitivas e promover um ambiente de respeito e inclusão (Valle; Guedes, 2003).

Além das dificuldades de comunicação, os alunos com TEA, muitas vezes, apresentam desafios nas interações sociais, o que pode levar ao isolamento dentro da sala de aula. A dificuldade de entender normas sociais, como fazer amigos, compartilhar ou esperar a vez, pode resultar em comportamentos de exclusão. Desse modo, o professor necessita adotar estratégias para promover a interação social entre os alunos, como atividades em grupo que incentivem a colaboração e o trabalho em equipe. O professor deve criar um ambiente seguro, onde as crianças se sintam confortáveis para interagir e aprender umas com as outras, promovendo a empatia e o respeito pelas diferenças (Nunes; Azevedo; Schmidt, 2025).

Outro aspecto importante é a necessidade de uma abordagem estruturada e previsível para os alunos com TEA. Esses estudantes geralmente respondem melhor a ambientes com rotinas claras e consistentes, em que as atividades são bem organizadas e as expectativas definidas objetivamente. A falta de estrutura pode gerar ansiedade e comportamentos disruptivos, dificultando a aprendizagem. Portanto, o professor deve planejar suas atividades de maneira a garantir previsibilidade, utilizando horários visuais e antecipando mudanças na rotina. A adaptação do ambiente escolar também é basilar para reduzir estímulos sensoriais que possam ser desconfortáveis para os alunos com TEA, como luzes fluorescentes ou barulhos excessivos (Nunes; Azevedo; Schmidt, 2025).

As estratégias pedagógicas para alunos com TEA ainda devem levar em conta os pontos fortes desses estudantes. Muitos alunos autistas apresentam habilidades excepcionais em áreas como memória, raciocínio lógico ou habilidades visuais. Identificar e valorizar essas habilidades é fundamental para engajar o aluno e promover seu desenvolvimento acadêmico. Ao invés de focar apenas nas dificuldades, o professor precisa buscar modos de utilizar essas habilidades em seu favor, oferecendo oportunidades de aprendizado que aproveitem os pontos fortes do aluno (Gomes; Mendes, 2010).

Por fim, é pertinente que os docentes desenvolvam uma parceria com a família do aluno. A colaboração entre escola e família é elementar à implementação de estratégias pedagógicas eficazes, uma vez que os pais podem fornecer informações valiosas sobre as necessidades e preferências do filho. Além disso, a família pode auxiliar na continuidade do processo de



inclusão fora da escola, garantindo que o aluno tenha um suporte consistente tanto em casa quanto no ambiente escolar. A criação de uma rede de apoio entre escola, família e profissionais especializados é a chave para o sucesso da inclusão de alunos com TEA (Gomes; Mendes, 2010).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Além das dificuldades relacionadas à formação inadequada dos professores, percebe-se que as escolas, em muitos casos, carecem de recursos pedagógicos e materiais adequados para a inclusão de alunos com TEA. Embora a utilização de tecnologias assistivas e materiais adaptados seja uma estratégia recomendada, a falta de investimentos por parte das instituições e o desconhecimento sobre a importância dessas ferramentas dificultam sua implementação. Muitos educadores relataram que, mesmo quando buscam adaptar o material didático, a escassez de recursos torna essa adaptação limitada. Em algumas situações, as adaptações são feitas de maneira improvisada, sem o suporte técnico necessário, o que acaba por comprometer a qualidade do ensino oferecido aos alunos com autismo (Nunes; Azevedo; Schmidt, 2025).

A sobrecarga de trabalho também se mostrou um fator significativo que impacta negativamente a implementação de práticas inclusivas. Com turmas grandes e uma demanda crescente por atendimento especializado, muitos professores se sentem sobrecarregados e sem tempo para se dedicar às adaptações pedagógicas necessárias. A falta de apoio especializado dentro da escola, como a presença de psicopedagogos ou terapeutas ocupacionais, agrava ainda mais essa situação. A escassez de tempo também impede que os educadores busquem aperfeiçoamento profissional por meio de cursos ou capacitações que os habilitem a lidar eficientemente com a diversidade presente em suas turmas. Esses fatores, aliados à falta de conhecimento especializado, contribuem para a sensação de incapacidade que muitos professores experienciam ao tentar incluir alunos com TEA em suas aulas (Cruz, 2009; Gomes; Mendes, 2010; Gomide, 2009).

Outro fator relevante observado foi a resistência de algumas escolas à adoção de práticas pedagógicas inclusivas. Essa resistência pode ser atribuída, em parte, ao desconhecimento sobre o TEA e à visão equivocada de que a inclusão de alunos com Autismo representaria um obstáculo para o desempenho da turma como um todo. Essa visão ainda é prevalente em algumas instituições, dificultando a aceitação da inclusão e prejudicando a implementação de



práticas mais inclusivas. A falta de conscientização sobre os benefícios que a diversidade traz para a escola e para os próprios alunos é um dos principais obstáculos enfrentados na promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva. Esse cenário reforça a necessidade de um trabalho contínuo de sensibilização e formação, que envolva tanto os educadores quanto a comunidade escolar em geral.

Em contrapartida, foram identificadas algumas práticas pedagógicas bem-sucedidas que contribuem para o processo de inclusão. O emprego de recursos visuais, como calendários, agendas diárias e pictogramas, mostrou-se eficiente na organização do cotidiano escolar e na comunicação com os alunos autistas, facilitando a compreensão das atividades propostas. A implementação de estratégias de ensino baseadas na rotina, com a criação de atividades estruturadas e previsíveis, também se revelou útil para reduzir a ansiedade dos alunos e melhorar seu desempenho acadêmico. Outro exemplo positivo observado foi o uso de atividades de grupo, que favorecem a interação social e a troca de experiências entre os alunos, proporcionando momentos de socialização importantes para o desenvolvimento das habilidades sociais dos alunos com TEA.

O uso da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) destaca-se como uma estratégia eficaz no ensino de alunos com TEA, especialmente para aqueles que não são verbais ou com dificuldades na linguagem. Esse recurso facilita a expressão de necessidades e a participação ativa nas atividades escolares. Quando inovadoras de forma consistente e integrada ao cotidiano escolar, a CAA torna-se uma ferramenta essencial para a inclusão, promovendo maior autonomia e engajamento dos alunos na sala de aula (Braga, 2009; Valle; Guedes, 2003).

As entrevistas evidenciaram que a colaboração entre diferentes profissionais da Educação, como professores, psicopedagogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais, é substancial à efetivação da inclusão. O trabalho conjunto e o acompanhamento contínuo dos alunos com TEA aumentam significativamente as chances de sucesso no processo educacional. Além de aprimorar as práticas pedagógicas, a presença de especialistas nas escolas oferece suporte emocional e psicológico tanto aos estudantes quanto aos educadores, contribuindo para um ambiente mais acolhedor e preparado. Essa cooperação interprofissional também favorece a troca de experiências e o aprimoramento das metodologias, fortalecendo a construção de um espaço educacional verdadeiramente inclusivo e eficaz.

Finalmente, a pesquisa apontou que a formação continuada e o suporte pedagógico especializado são essenciais para que os professores possam superar as dificuldades que



enfrentam na inclusão de alunos com TEA. A constante atualização sobre as práticas pedagógicas, as novas abordagens de ensino e as tecnologias assistivas é imprescindível para garantir que os educadores estejam preparados para lidar com a diversidade presente em suas turmas. Ademais, a criação de um ambiente escolar que valorize a troca de experiências entre os educadores e o trabalho colaborativo entre os profissionais da educação é fundamental para o sucesso da inclusão escolar de alunos com autismo. O apoio contínuo e a capacitação adequada são as chaves para que a inclusão se torne uma realidade concreta e eficaz nas escolas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão deste artigo reafirma a importância de uma formação adequada e contínua para os professores, a fim de garantir a efetiva inclusão de alunos com TEA nas escolas. A pesquisa salientou que, apesar das leis que asseguram o direito à Educação Inclusiva, a falta de preparo técnico e pedagógico dos educadores representa um grande obstáculo para a implementação dessas políticas na prática. A ausência de capacitação especializada resulta em dificuldades na adaptação das metodologias de ensino, no atendimento às necessidades individuais dos alunos e na promoção de um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo.

É impreterível que a formação dos professores seja reformulada para incluir uma abordagem mais profunda sobre o TEA, suas características e as estratégias pedagógicas mais eficazes para trabalhar com esse público. A colaboração entre a escola, os profissionais especializados e as famílias é fundamental para garantir que as práticas pedagógicas sejam eficientes e atendam às necessidades dos alunos autistas, promovendo seu pleno desenvolvimento acadêmico e social. Além disso, é necessário que as escolas se comprometam com a implementação de recursos e materiais adequados para apoiar tanto os alunos quanto os educadores nesse processo.

A adoção de uma abordagem interdisciplinar e a promoção de uma cultura escolar inclusiva são estratégias que contribuem consideravelmente para o sucesso da inclusão de alunos com TEA. Para que isso aconteça, é essencial que todos os membros da comunidade escolar compreendam o valor da diversidade e se comprometam com a construção de um ambiente mais acolhedor e preparado para a inclusão. Somente com um esforço conjunto, que envolva formação, apoio e a colaboração de todos os atores da Educação, será possível garantir



que a Educação Inclusiva se torne uma realidade para todos os alunos, independentemente de suas características individuais

REFERÊNCIA

BRAGA, I. S. **Teorizando as práticas de atendimento à pessoa com autismo na rede de escolas públicas do Distrito Federal**. 2009. 122 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2009.

BRANDIZZI, K. C. L. **O papel do relatório psicopedagógico na educação de alunos com autismo**. 2009. 198 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2009.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC, 2008.

CRUZ, T. S. U. R. da. **Acompanhamento da experiência escolar de adolescentes autistas no ensino regular**. 2009. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2009.

FRITH, U. **Autism: Explaining the Enigma**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

GOMES, C. G. S.; MENDES, E. G. Escolarização inclusiva de alunos com autismo na rede municipal de ensino de Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Corumbá, v. 16, n. 3, p. 375-396, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382010000300005>.

GOMIDE, A. B. **A promoção do desenvolvimento do aluno autista nos processos educacionais**. 2009. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2009.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

NUNES, D. R.; AZEVEDO, M. Q. O.; SCHMIDT, C. Inclusão educacional de pessoas com autismo no Brasil: uma revisão da literatura. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 26, n. 47, p. 557-572, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X10178.2013>.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo a educação do futuro**. 3. ed. São Paulo: LTR, 2007.

SOUZA, I. L. **A formação de professores para a inclusão: desafios e possibilidades**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

VALLE, M. H. F.; GUEDES, T. R. Habilidades e competências do professor frente à inclusão. In: NUNES SOBRINHO, F. P. (org.). **Inclusão educacional – pesquisa e interfaces**. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2003.

